

## Um balanço sobre a economia mundial

Marcelo López\*

Diante dos últimos episódios no mercado financeiro mundial, é importante ficarmos atentos para traçarmos novos caminhos e estratégias. É importante destacarmos, inicialmente, que, a despeito dos principais acontecimentos do ano terem sido negativos, ao olhar para o movimento das Bolsas de Valores, teremos a impressão de que tudo foi tranquilo e que as economias estão indo bem.

No Brasil, iniciamos com supostos cortes de gastos e uma série de aumentos de impostos e tarifas reais. Com o desequilíbrio nas contas, os déficits aumentaram, assim como as taxas de juros, e o país ainda sofre com uma possível perda de *rating* pelas agências de risco. Assim, setores como consumo e moradia sofrem bastante, piorando muito a situação do país.

Na Europa, o BCE (Banco Central Europeu) deu início ao QE (*Quantitative Easing*), mais conhecido como impressão descomedida de moeda. Ao invés de prosperidade, a medida provocou consequências ainda mais negativas. Como dizia Albert Einstein, loucura é fazer a mesma coisa várias vezes e esperar resultados diferentes. Se a impressão de dinheiro e juros baixos funcionasse, há anos, os EUA já teriam saído da crise, assim como o Japão. Infelizmente, o que esses programas realmente fazem é aumentar as desigualdades sociais e postergar um ajuste ainda maior (leia-se: *crash*).

Nos EUA, mais uma vez, não houve aumento nas taxas de juros no último mês. Ao contrário do que muitos pensam, a economia americana não está se recuperando e as chances disso vir a acontecer com juro zero são mínimas. Em relação à Grécia, o não pagamento da parcela vencida no final de junho ao FMI deflagrou uma venda desenfreada nos mercados no dia seguinte. Além disso, a possibilidade do país sair da Zona do Euro provocou queda brusca da moeda europeia em relação ao dólar. Indo diretamente ao outro lado do mundo, a situação do Japão é uma das mais perigosas. A dívida japonesa atinge níveis estratosféricos e o governo já gasta quase metade da arrecadação somente para pagar juros, cujas taxas são bem próximas de zero.

Pulando de uma bolha para outra, chegamos à segunda maior economia do mundo: China. Lá, os mercados de ações subiram mais de 100% nos últimos 12 meses e caíram quase 30% nas últimas 2 semanas, apesar da desaceleração da economia. Depois dessa queda brusca das últimas semanas, muitos investidores já pedem um QE chinês para levantar os preços das ações, afinal, inflação de ativos é uma das poucas coisas que esses planos atingem com formidável sucesso. Por último, mencionamos outra situação de risco nas Américas: Porto Rico decretou moratória há alguns dias, afirmando não ter condições de pagar suas dívidas.

O que as contas fora do balanço não mostram é onde mora o perigo. CDSs (*Credit Default Swaps*) podem ser acionados quando ocorrem descumprimentos de pagamentos de dívidas, como ocorreu com Grécia e Porto Rico, que causaram estragos de proporções infinitamente maiores que seus respectivos ativos.

Importante lembrarmos-nos da crise de 2008, que mostrou não só a fragilidade do sistema financeiro mundial, mas também como o uso indiscriminado de derivativos pode elevar o risco financeiro de grandes empresas, nacionais e multinacionais. Tais

instrumentos foram considerados um dos vilões da crise de 2008. Atentamos para o fato de que a dívida do mundo hoje é muito maior do que era em 2008. Os derivativos, então, são múltiplos do que eram. Não há dinheiro no mundo para cobrir toda essa exposição e uma pequena fagulha pode mandar tudo para os ares.

A única saída para os Bancos Centrais é inflar ainda mais a base monetária, causando uma hiperinflação em várias partes do mundo. Mais e mais pessoas vão descobrir que a situação mundial está precária e que devem ter uma boa dose de diversificação e muitos ativos reais. Por isso, recomendamos a compra física de metais preciosos e sugerimos que o façam enquanto eles ainda estão baratos. Afinal, quando todos os quiserem, será tarde demais.

---

**\*Marcelo López** é gestor de Carteiras e de Fundos e sócio da L2 Captal Partners.